

A CRIANÇA E SEU CONTEXTO NO MST: POSSIBILIDADES DA ARTE-EDUCAÇÃO ATRAVÉS DE PROPOSTA DE FORMAÇÃO JUNTO AOS EDUCADORES DA CIRANDA INFANTIL CURUPIRA – ASSENTAMENTO CONTESTADO NO PARANÁ.

Geraldine Marie Rita Vieira¹;
Suzane de Oliveira².

RESUMO

Ser criança na realidade sócio-cultural do MST não é uma condição de infância comum. Há duras realidades enfrentadas pelos pequenos, não obstante a proteção das famílias e lideranças do Movimento, por vezes impotentes diante de absurdas injustiças que enfrentam, até o momento em que essa luta se transforma em trabalho de construção, árduo, porém mais sereno, quando enfim conquistam o direito de fixar raízes num pedaço de chão.

As crianças, como parte atenta dessa realidade, em plena construção de seu ser físico, afetivo e psíquico, trazem marcas dessa história, tanto como possibilidades de superação como de ricas vivências de testemunhos de solidariedade e coragem.

Nesse contexto é que se apresenta este trabalho, como uma proposta inicial que, se efetivada, pretende contribuir com algumas possibilidades de desenvolvimento criativo e enraizamento cultural das crianças da Ciranda Infantil no Assentamento Contestado, por meio de oficinas de arte-educação junto a seus Educadores.

Palavras-chave: educação do campo; infância; arte-educação

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Paranaguá e-mail: geraldinevieira@yahoo.com.br; tel.: (41) 9687-1695.

² Educador Orientador, UFPR Litoral.

1 CONTEXTO HISTÓRICO E SÓCIO-CULTURAL DO MST³

Os Movimentos Sociais, no Brasil e em todos os países marcados por uma história de colonização e exploração, desempenham papel preponderante nas lutas por vida digna desses povos.

No Brasil, país essencialmente camponês por vocação físico-geográfica (enorme extensão de terras cultiváveis) e cultural (povo nativo vivia da agricultura e do extrativismo sustentável), as lutas pelos direitos no campo que sobrevieram às diversas e sucessivas práticas políticas de exploração, discriminação e opressão, se deram pela organização dos camponeses em grupos de resistência, desde comunidades indígenas, quilombolas e os pequenos proprietários em processo ou em vias de expulsão de suas terras pelo latifúndio e pelo agronegócio.

A partir dessas lutas, e da consciência nelas despertada, as famílias do campo começaram a organizar-se em movimentos reivindicatórios e de resistência. Os interesses próprios de cada mulher e homem do campo, e as aspirações quanto a uma vida mais digna para si e seus filhos ganharam um sentido maior de luta coletiva em fins da década de 1970, com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Como continuidade orgânica, corporificada de todas essas lutas anteriores, o MST vai se afirmando no cenário político nacional e torna-se de importância fundamental para a conquista dos direitos das famílias e comunidades camponesas, por seu caráter libertário, comunitário e de radical democracia interna e, ainda, pela extrema consciência da relevância da educação no fortalecimento das lutas, a curto, médio e longo prazos, como parte fundamental do projeto de uma nova sociedade almejada pelas pessoas integrantes do Movimento³.

³ O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra foi forjado nas lutas pelo direito à terra e a uma vida digna no campo, e sua identidade é reafirmada culturalmente na auto-designação “Sem Terra”, “como bandeira política para a vida, e sobretudo uma identidade histórica, de um problema histórico cuja origem repousa no processo de ocupação do país, baseado nas grandes propriedades e em prejuízo de uma massa de trabalhadores pobres sem-teto, sem-terra, sem-frutos e sem-pão” (PIRES, 2003).

Num processo constante de conscientização, que tem início já nas primeiras reuniões de mobilização com os líderes de cada movimento/local, passando pelas várias fases da organização e das ações (ocupação, estratégias de resistência, organização interna dos acampamentos, negociações), e perdura ainda, fundamentalmente, após a conquista do pedaço de chão, quando enfim os “sem-terra” tornam-se “assentados”, a identidade cultural ganha contornos preponderantes. O sentimento de pertencimento a essa causa, a esse grupo, com todo um arcabouço de verdades e sonhos, parece estar diretamente relacionado à capacidade de enfrentamento coletivo e, mais do que isso, comunitário, de todas as dificuldades e riscos que as ações e a continuidade dos projetos demandam.

A nítida consciência da necessidade de proteção dos mais fracos, tão presente nesses grupos organizados, priorizando nos casos de riscos (ataques de policiais ou jagunços) a proteção de crianças, gestantes, idosos e doentes, não livra os pequenos “sem-terra” de presenciar a dura realidade dos vários enfrentamentos: desde a falta de alimentos e de condições básicas que lembrem algum conforto e segurança de um lar (vivem durante meses debaixo de lonas ou em barracos provisórios), até mesmo as situações mais trágicas de desocupação violenta, destruição e confrontos que culminam muitas vezes em feridos e mortos, atingindo pessoas da comunidade e familiares.

Nesse convívio com a construção e reconstrução da vida, na dureza de cada dia e na calada das noites (propícia aos ataques inesperados), é forjada a consciência e a personalidade de muitas dessas crianças. O “calejamento” precoce poderia aparecer como um traço de endurecimento na personalidade dos Sem Terrinha⁴, caso não houvesse todo um ambiente em que se respira a solidariedade e o sentido comunitário da luta, alimentado por atividades culturais e lúdicas, tendo por

⁴ “Sem Terrinha” é como se auto-designaram as crianças do MST, a partir dos Encontros e Jornadas dos Sem Terrinha, que acontecem com mobilização nos estados (no Paraná já foram realizados nove e no Rio Grande do Sul 14 Encontros de Sem Terrinha) e a nível nacional (a 13ª Jornada Nacional dos Sem Terrinha ocorreu no Rio de Janeiro em 2010). O termo expressa o sentimento de pertencimento dessas crianças ao Movimento, numa atitude já compromissada e solidária, não só com sua família e comunidade, mas com a vida em geral.

principal enfoque a chamada “mística”⁵, que vem permear toda a vida cultural e comunitária no MST.

As atividades lúdicas, de manifestação cultural e artística revestem-se de fundamental importância na formação da identidade dos grupos, cultural e afetivamente. O pertencimento se dá nos vários níveis: na organização de tarefas coletivas, na distribuição de responsabilidades em processos eletivos, no convívio festivo e organizativo, tendo em vista as questões de sobrevivência, segurança e resistência, necessários à garantia (possível em maior ou menor grau) do bem coletivo e de cada família de acampados/assentados.

Assim, desde cedo, a educação no MST enfatiza essa consciência da necessidade da luta, para conquistar e efetivar condições de permanência e vida digna no campo. A coragem para a luta é alimentada pela memória dos que “tombaram” pelo direito de todos, cujo sacrifício não foi nem nunca será em vão: são os heróis (próximos, reais, com nome e sobrenome, pais, mães, irmãos, tios dos Sem Terrinha) do movimento.

O sofrimento marca precocemente essas vidas, mas não lhes tira a vivacidade e a capacidade de criação de um novo universo, onde caibam todos os seus sonhos, a sua família inteira e feliz, o colo da mãe, o aconchego de casa, os amiguinhos e os jogos da infância, tão soltos na natureza e na imaginação dessas crianças.

O brinquedo e a invenção, em todas suas formas de expressão, como necessidade de crescimento, de descobertas, de relações e afetividade, ganha na

⁵ A “mística” no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é prática constante e tem papel primordial em todo o sentido de fortalecimento da luta, como um encorajamento espiritual e moral para a resistência. É vivenciada nessas comunidades não num sentido estritamente religioso, embora haja nessas práticas uma grande herança das Comunidades Eclesiais de Base, que vem das origens cristãs do Movimento, quando, em plena ditadura militar, a Teologia da Libertação colocava verdades evangélicas de justiça e ética humana diretamente nas mãos do povo humilde, para desespero da igreja católica tradicional (alinhada aos interesses dos “grandes”). O apoio da Comissão Pastoral da Terra, como órgão da Igreja cristã progressista, foi de fundamental importância para que a visão do MST, “diabolizada” desde o início pela mídia, fosse desmistificada, trazendo a público, nos meios de sua influência, o verdadeiro sentido do Movimento, que é a luta por justiça (e nada mais evangélico do que isso para os cristãos autênticos), pelo direito à terra, que é o direito ao pão e aos frutos, e pela dignidade de uma vida humana em harmonia com a mãe natureza. (PIRES, 2003)

arte e no lúdico uma forma valiosa de superação da realidade nem sempre leve e alegre que permeia a vida das crianças do Movimento.

Esse breve estudo pretende focalizar alguns aspectos observados em convívio de alguns dias, quanto à realidade vivenciada dentro de uma Escola do MST, mais precisamente no pequeno espaço da “Ciranda Infantil Curupira”⁶, parte integrante da Escola Latino Americana de Agroecologia (ELAA), no Assentamento Contestado⁷ no município da Lapa, no estado do Paraná.

Como tentativa de contribuição, ainda não implementada, pretende-se apresentar aqui algumas razões que justificariam um trabalho de reflexão e formação que se pretende ainda construir junto aos Educadores da Ciranda Infantil Curupira, a partir do segundo semestre de 2011. Esse trabalho junto aos Educadores teria como principal enfoque as possibilidades lúdicas, artísticas e culturais nas atividades com as crianças da Ciranda, numa perspectiva de desenvolvimento comunitário, da sensibilidade e da criatividade dessas crianças. A intenção é envolver num primeiro momento os educadores e as crianças participantes desse espaço, e na sequência do projeto, os artistas e artesãos integrantes do Assentamento Contestado, enfatizando o fortalecimento do sentido de identidade e integração cultural e afetiva, por meio do lúdico e das práticas de criação e participação na vida da Comunidade.

2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

2.1 INÍCIO DO PROCESSO DE INSERÇÃO NA REALIDADE DA ELAA – ASSENTAMENTO CONTESTADO

⁶ As Cirandas Infantis foram criadas dentro das Escolas do MST, sendo espaços que se destinam à permanência e ao convívio das crianças – filhos, netos – de pessoas diretamente envolvidas nas atividades da Escola.

⁷ “O Assentamento Contestado, com 108 famílias, localizado no Município da Lapa – Paraná, surgiu a partir da ocupação (organizada pelo MST) da Fazenda Santa Amélia, com 3.189 hectares, no dia 07 de fevereiro de 1999. (...) Com a imissão de posse obtida em 21 de novembro de 1999 a Fazenda Santa Amélia foi transformada em assentamento” (PIRES, 2003).

A partir do mês de janeiro de 2010 dei início a um processo de inserção no Assentamento Contestado do MST, de que faz parte a Escola Latinoamericana de Agroecologia (ELAA), no município da Lapa, no Paraná.

Inaugurada em agosto de 2005, sendo a 1ª Escola Latino-Americana de Agroecologia do continente:

“a ELAA foi criada em parceria entre a Via Campesina, governo da Venezuela, governo do Paraná, Universidade Federal do Paraná - UFPR e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O objetivo é formar pedagogos e pedagogas em agroecologia que, juntamente com os camponeses irão contribuir para o avanço da agroecologia no campo. Os estudantes são filhos de camponeses e assentados, ligados aos movimentos que integram a Via Campesina, na América Latina.”⁸

Embora tenha tido ainda pouco contato com a realidade da ELAA (apenas algumas visitas de um dia cada, em semanas alternadas), foi possível observar aspectos que se destacam nos processos locais de formação e modo de vida: a cultura da saúde humana e da terra (desenvolvimento e práticas de agroecologia, ou seja, a não utilização de defensivos químicos nas culturas; terapias alternativas para conservação e manutenção da saúde; alimentação simples mas adequada), o trabalho organizado comunitariamente e as práticas de socialização e enriquecimento do convívio humano e cultural, através de atividades rotineiras e eventuais, como reuniões de discussão e decisões coletivas, festivas e culturais. Dentro da Escola, o contato mais direto que tive durante o tempo das visitas, foi mais especificamente na Ciranda Infantil⁹, espaço educativo a que se faz referência a seguir.

2.2 A CIRANDA INFANTIL NO ASSENTAMENTO CONTESTADO: CONTEXTO E PRIMEIROS CONTATOS

⁸ Texto extraído do site: <http://www.adital.com.br>, em notícia de 27 de agosto de 2007, ocasião em a ELAA completava dois anos de existência.

⁹ A Ciranda Infantil Curupira (nome do ser lendário protetor das florestas, foi escolhido entre os educadores e as crianças) é um espaço que atende durante todo o dia as crianças do pessoal que trabalha na ELLA e também as crianças que acompanham os pais participantes do curso de Agroecologia (em torno de 15 crianças fixas e mais algumas a cada turma do Curso, com faixa etária a partir de oito meses até os dez anos de idade).

Como parte inicial de um todo educativo dentro da “Pedagogia do Movimento”, como Caldart (2000) define a pedagogia construída dentro do MST, a Ciranda Infantil funciona como o primeiro espaço de socialização e desenvolvimento além do círculo familiar dessas crianças, espaço em que se observa viva a afirmação dessa autora de que:

(...) a herança que o MST deixará para seus descendentes será bem mais do que a terra que conseguir libertar do latifúndio; será *um jeito de ser humano*¹⁰ e de tomar posição diante das questões de seu tempo; serão os *valores* que fortalecem e dão identidade aos lutadores do povo, de todos os tempos, todos os lugares. É enquanto produto humano de uma obra educativa que os Sem Terra podem ser vistos como mais um elo que se forma em uma longa tradição de lutadores sociais que fazem a história da humanidade. Enraizamento no passado e projeto de futuro (CALDART, 2000).

Segundo Arroyo (2005), “historicamente, a Educação só evolui quando cresce a consciência dos direitos políticos e sociais” e é essa consciência que também passa a fazer parte da vida dessas crianças, que levantam os pequenos braços em gesto de luta e conquista, cantando com voz gritada e cheia de empolgação os cantos dos Sem Terrinha¹¹, que falam de um mundo mais bonito e justo pra se viver, em que as pessoas são livres e ninguém passa fome nem frio, pois o fruto do trabalho e da terra é de todos.

O primeiro contato presencial que tive com o Assentamento Contestado foi em janeiro de 2010, durante o período de férias da ELAA, coincidindo com curto período de recesso nas atividades da Ciranda Infantil. Nessa ocasião tive o primeiro contato informal com um casal de educadores da Ciranda que estavam, nesse dia, responsáveis pela refeição coletiva para os trabalhadores da Escola. Fui por eles convidada a participar das atividades da Ciranda Infantil, que teriam início na semana seguinte, com a presença da pedagoga que estaria retornando de breves férias.

¹⁰ Grifos da autora.

¹¹ Ver cd (Anexo 1), com Cantos dos Sem Terrinha.

Não havia de minha parte a intenção imediata de fazer uma intervenção direta nesse espaço, apenas me inserir, conhecer a realidade, e somente depois que estivesse dentro desse contexto, me colocar à disposição para interagir, de acordo com a percepção, aceitação e interesse que a comunidade manifestasse quanto a possíveis contribuições que pudesse trazer, no compartilhamento de saberes para os processos educativos locais. Porém, na segunda visita ao local tive a oportunidade de participar do planejamento pedagógico inicial dos trabalhos da Ciranda para o ano que se iniciava.

O pequeno grupo de educadores populares da Ciranda Infantil Curupira são pessoas oriundas das lutas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, moradores do próprio Assentamento (na ocasião contavam com cinco mulheres e um homem, com formação escolar variada, desde o primário incompleto até o ensino médio), contando com o apoio recente de uma pedagoga aposentada (cuja história de vida é estreitamente ligada aos movimentos sociais e lutas do povo), que se integrou à equipe, orientando e auxiliando o grupo nas práticas educativas do cotidiano e trabalhando no sentido de trazer reflexões pedagógicas necessárias a essas práticas.

O trabalho com as crianças na Ciranda consiste em cuidados básicos (alimentação, higiene, sono), atividades lúdicas (brincadeiras, jogos, passatempos), educativas, trabalhando noções variadas: lateralidade, tempo, quantidades, cores, entre outras, e místicas/culturais, como: cantos dos “Sem Terrinha”, trabalho com horta comunitária, criação de lemas e motivações que acordem nas crianças a consciência da realidade de luta constante não simplesmente pela posse da terra, mas pelo direito de ser “filhos” da Terra, tratando-a com amor e reverência, retribuindo com cuidados o sustento que dela recebem.

Os processos educativos dentro da Ciranda ainda não se davam (dentro do período das visitas, durante o primeiro trimestre de 2010) com rigorosidade metódica e maior fundamentação teórico-prática, visto que o trabalho de estruturação pedagógica se encontrava em fase inicial e, ainda, levando em consideração o fato

de que os educadores da Ciranda são, em sua maioria, pessoas simples e ainda sem formação acadêmica. Entretanto suas práticas são cheias de amor e intencionalmente humanizadoras e libertárias, ensinando no dia-a-dia a solidariedade e os valores da gente da terra às crianças.

Nesse momento do trabalho (janeiro de 2010) havia nesse grupo de educadores uma grande carência de elementos teóricos que fundamentassem a prática educativa no dia a dia com as crianças, o que manifestaram de pronto ao saber durante as apresentações (porque fui perguntada) de minha formação em Educação Artística. Eles viram nisso a possibilidade de enriquecer suas práticas educativas com as crianças, trabalhando atividades artísticas. Diante dessa possibilidade, enfatizei que me encontrava desde muito tempo distante das atividades de arte-educação, e que teríamos que construir juntos esse conhecimento, ao que o grupo reagiu com entusiasmo, surgindo assim a idéia das “Oficinas Arte em Movimento”, nome sugerido por uma pessoa do grupo e saudado pelos demais.

Entretanto, nas próximas vezes que estive presente, embora tentássemos viabilizar as atividades formativas, nos deparamos com um problema: não havia pessoas com disponibilidade para substituir o grupo no cuidado com as crianças. Diante dessa situação de impossibilidade de realizar as atividades planejadas, acabei por participar das atividades e cuidados com as crianças, exatamente como um integrante do grupo, o que foi também bastante válido no sentido de inserção nesse contexto diário e, acredito, útil como apoio ao trabalho naquele momento.

Conseguimos, por ocasião de uma das visitas seguintes, realizar uma pequena introdução ao trabalho formativo, com uma atividade participativa de pouco menos de duas horas de duração¹² (era o tempo de que dispunham), tempo que foi, embora exíguo, extremamente rico em reflexões vivenciais pelo grupo, e cujo relato encontra-se a seguir.

¹² O roteiro da oficina encontra-se ao final deste trabalho (Anexo 2)

2.3 RELATO DAS REFLEXÕES SURGIDAS DURANTE A PRIMEIRA ATIVIDADE DAS “OFICINAS ARTE EM MOVIMENTO”

Foram trabalhadas com o grupo de educadores da Ciranda, de acordo com o roteiro inicial para a Oficina, representações de situações através de imagens e expressões produzidas por eles, trazendo elementos da sua realidade.

As reflexões que surgiram de cada imagem/desenho/representação (família em casa em noite de lua, sala de aula com crianças do campo, atividade de dança típica com as crianças, o planeta e vários símbolos significando um mundo melhor e mais justo, uma canção de amor e paz) revelaram realidades que vivem e que hoje são boas: de uma certa estabilidade no assentamento, com seu pedacinho de terra e a vida comunitária; de suas crianças estudando já uma parte do tempo em escola dentro do próprio assentamento e podendo mais tarde cursar os níveis técnico e superior na própria ELAA. Mas trouxeram também a reflexão de que a luta não pára aí, mas que ainda haverão muitas investidas (veladas ou diretas) por parte do poder econômico em suas várias faces, contra o movimento e contra a comunidade; e ainda, a consciência de que grande parte dos trabalhadores rurais ainda tem que conquistar essas condições mais dignas de vida e que essa responsabilidade é de todos os integrantes do movimento, na continuidade da luta por um mundo mais justo. Surgiram ainda reflexões no sentido de que “as pessoas ainda sofrem demais com os efeitos da exclusão e da marginalização nas cidades, havendo crianças e jovens na rua, presas fáceis de todo tipo de exploração e do tráfico de drogas, e que as crianças do MST têm que ir se conscientizando de que o mundo todo tem que se tornar mais justo, no campo e na cidade, e todos são responsáveis”.¹³

O grupo refletiu que as situações de injustiça, na cidade ou no campo, são geradas e mantidas sempre pelos mesmos fatores: pela ganância e a sede de lucros e poder dos que se julgam “donos”: da terra, dos meios de produção, das construções, do poder e dos outros seres humanos; pelos integrantes dos poderes

¹³ Fala de uma das educadoras, cujo testemunho emocionante foi também de “não ter estudos”, mas fazer seu “trabalho na Ciranda com muito amor pelas crianças e pensando no futuro delas”.

públicos constituídos nos diversos níveis (eleitos pela população); pela omissão e falta de informação da população devido à manipulação ideológica das informações nos meios de comunicação que também “bombardeiam” os jovens e as crianças do Assentamento (principalmente TV e rádio); pelas condições inadequadas de educação na cidade e no campo, que muitas vezes não contribuem para a formação de educandos conscientes como sujeitos de direitos que são.

As situações de injustiça no campo, segundo reflexões que surgiram no grupo, beneficiam os donos de latifúndios improdutivos ou das monoculturas para indústria e exportação, ou seja, dos grandes proprietários de terras que se beneficiam da mão-de-obra barata e ingênua do trabalhador do campo. Aos latifundiários interessa que a terra jamais esteja em mãos de pequenos agricultores e que estes também não tenham formação crítica, pois assim o homem do campo fica sem alternativas e se sujeita às condições mais desfavoráveis de trabalho e remuneração, em nome da sobrevivência de si e de sua família. Estas situações concorrem ainda para a saída das pessoas do campo, inchando as cidades, aumentando a oferta de mão-de-obra e o número de pessoas na rua, situação favorável para a exploração do trabalhador e para os traficantes.

Os movimentos sociais do campo, numa articulação crescente da consciência dessas populações, por meio de processos de educação formal e não-formal, articulados pelos próprios camponeses vêm, ao longo das últimas décadas, forjando transformações na vida dos camponeses. A luta que esses movimentos travam é constante e desigual contra o grande capital e o latifúndio, aos que se aliam, em geral, segmentos dos poderes públicos locais e a grande imprensa que, ideologicamente alinhada ou muito bem paga por eles, tenta insistentemente manipular a opinião pública, criminalizando os movimentos sociais do campo.

A educação crítica e libertária do povo do campo, aliada a políticas públicas de incentivo e apoio à agroecologia familiar, e ainda a continuidade da luta e vigilância de todos os integrantes e simpatizantes dos movimentos sociais do campo, numa mobilização constante da sociedade em prol de justiça e dignidade de

vida para todos, são as formas que o grupo identificou como mais efetivas para esta transformação, o que também implica a consolidação e a urgente ampliação dos direitos e políticas conquistados até aqui. Nisso, os educadores da ciranda também citaram, como situação de continuidade de luta local, a questão da escola de educação básica, já então funcionando no assentamento para as séries iniciais, mas que ainda teriam que conquistar as condições para o funcionamento também das séries finais do ensino fundamental, cursadas pelas crianças na cidade da Lapa.¹⁴

Nos encontros seguintes, entretanto, não foi possível dar continuidade às atividades junto aos Educadores da Ciranda, pois já não houve disponibilidade de tempo por parte destes. Ocorreu após isso, de minha parte, a impossibilidade de estar presente no Assentamento, devido a compromissos profissionais e dificuldades adicionais de deslocamento e acesso ao local. Dessa forma, foi interrompido ainda no início o processo de formação junto ao grupo dos Educadores, o que impossibilita comensurar qualquer resultado objetivo desse trabalho, restando apenas uma avaliação subjetiva, a partir da observação das reflexões e manifestações dos participantes no decorrer das atividades formativas e diárias, como parte importante para a elaboração das próximas atividades que se pretende implementar.

3 CONSIDERAÇÕES

O trabalho proposto, de realização de um processo formativo através de oficinas de Arte Educação, foi somente iniciado junto aos educadores da Ciranda Infantil Curupira, entretanto, as primeiras atividades e diversos contatos anteriores

¹⁴ Para o ano de 2011, segundo me informou em conversa informal, com enorme satisfação a pedagoga da Ciranda, já estariam em funcionamento as séries finais do Ensino Fundamental na Escola de Educação Básica do Assentamento Contestado, o que se verifica na notícia: “O assentamento (Contestado) localizado a aproximadamente 70 quilômetros de Curitiba conta hoje com todos os níveis de ensino educacional, desde 1ª série a graduação em agroecologia, tendo em torno de 400 educandos estudando, o que para o movimento é uma grande vitória já que há muito tempo se luta para ter escolas dentro de todas as áreas de Reforma Agrária, dando a oportunidade para todos estudarem” (publicado em 18/03/2011, disponível em <http://terradedireitos.org.br/biblioteca/assentados-comemoram-12-anos-de-assentamento-do-mst-na-lapa-pr/>).

com as pessoas da comunidade consistiram em uma base contextual relevante para a construção e orientação dos conteúdos estudados na elaboração para uma atuação educativa.

Nesse intercurso, até a viabilização da continuidade das oficinas, tenho ampliado as reflexões e a fundamentação teórica a partir dos conteúdos propostos durante o Curso e de outras leituras e estudos (Paulo Freire, Roseli Salete Caldart, Bernardo Mançano Fernandes, Miguel Gonzalez Arroyo, entre outros). Os escritos desses autores, por estarem inseridos na luta pela Educação do Campo como via de transformação social, são fontes iluminadoras e muito ricas de informações e reflexões que sinalizam um caminho de lutas e conquistas na construção de uma nova realidade no campo, da identidade de seu povo, de suas comunidades, preservando – numa perspectiva de verdadeiro desenvolvimento humano – seus saberes e seu modo de vida. Além destes, os conhecimentos específicos quanto à natureza da criança e seu desenvolvimento bio-psico-social, bem como reflexões socio-antropológicas e do ponto de vista da arte e da arte-educação, são fontes necessárias como embasamento teórico para a prática que se propõe, entre as quais saliento autores como Henry Wallon (1971) e Fayga Ostrower (1987), leituras que possivelmente embasarão boa parte de minha fundamentação para a efetivação dos trabalhos práticos das oficinas.

Como construção formativa coletiva junto aos educadores da Ciranda, na continuidade ou reinício da “Oficina Arte em Movimento”, os conteúdos serão estruturados e trabalhados a partir da ótica e da visão de mundo e contexto dos educadores e da realidade das crianças.

A inter-ação no grupo é pretendida no sentido de desvelar possibilidades, construindo reflexões significativas junto com os educadores, que possibilitem uma fundamentação básica mas contextualizada para o processo educativo com as crianças, no desenvolvimento de suas possibilidades criativas e imaginativas, de sua sensibilidade social e sentido de solidariedade, tendo em vista também o

fortalecimento da identidade cultural própria dessa comunidade, no Assentamento Contestado¹⁵.

A abordagem das oficinas com os educadores, deve ter sempre um certo caráter lúdico, embora com conteúdos profundos, pois a idéia é também desenvolver o lado “brincante” e criativo destes, como possibilidade de interação e alegria na lida diária com as crianças. E ainda, tendo em vista a personalidade muitas vezes introspectiva das pessoas simples do campo, que se julgam “sem cultura” (por um preconceito intronizado pela cultura dominante) porque sem estudos formais. É preciso desde o início do processo, utilizar atividades que possam “destravar” a capacidade de participação, que provoquem neles a vontade de manifestar-se e imaginar, abrindo assim possibilidades de “criar” junto com o grupo. A primeira atividade proposta e parcialmente realizada¹⁶, bem como o relato das ricas reflexões surgidas, citadas anteriormente, são apenas um exemplo do que deverá ser a construção coletiva das oficinas.

O desenvolvimento de temas para o trabalho com as crianças, a ser construído junto com os educadores, tenderá sempre às questões do cotidiano e de uma prospecção ao “mundo melhor” almejado e que deve continuar alimentando os sonhos, mas como perspectiva de real a se construir cotidianamente na vida das crianças, de suas famílias e de sua comunidade, face ao mundo “maior” à sua volta (nação e planeta). Por exemplo, a questão da “qualidade de vida no campo” pode ser desenvolvida em jogos e brincadeiras com as crianças, envolvendo questões que simulem a realidade do trabalho (representando seus familiares), questões de brincadeiras/espaco/brinquedos (universo delas próprias), alimentação e relação com a vida em si (ambiente, animais, plantas, terra) e como acontecem essas situações no campo e na cidade. Cada parte abordada pode ser desenvolvida de várias maneiras: por jogos (cooperativos em oposição aos de competição),

¹⁵ Ver citação n.7.

¹⁶ Anexo 2.

expressão plástica (desenho, colagem, montagem com sucatas ou materiais da natureza), expressão corporal e sonora (teatro, música, dança, mímica e outras).

Todas as discussões e reflexões nesse projeto, incluindo as necessárias práticas avaliativas e de planejamento, só terão sentido se construídas no diálogo e através de atividades interativas, que propiciem a participação dos educadores quanto aos diversos aspectos do desenvolvimento de suas práticas no processo educativo cotidiano com as crianças da Ciranda, pois, segundo ARROYO (2001), ao discorrer sobre “Paulo Freire e a construção do projeto popular para o Brasil” em documento do MST¹⁷ destaca:

A educação é uma empreitada coletiva; (...) o educando (mesmo a criança) é sujeito; tem saberes, cultura, valores; (...) o desafio é buscar caminhos, alternativas, trilhas, projetos, juntos, de mãos dadas com o povo e não pegá-lo pela mão e levá-lo pelos caminhos que nós escolhemos (ARROYO, 2001).

Dentro desse contexto, pretende-se durante a construção das oficinas, integradas com as práticas e observação diária dos educadores, trazendo novas experiências e avaliações a cada estudo coletivo, envolver também a comunidade nesse trabalho, estimulando a participação de artistas de dentro da comunidade do próprio Assentamento, pessoas que “inventam” suas artes de pintura, entalhe, escultura, mosaicos, cantigas, músicos com seus cantos, violões e violas, seus toques percussivos e danças com ritmos de suas origens, as representações cênicas e as místicas que envolvem muitas dessas expressões. O incentivo à integração das artistas locais em suas diversas manifestações com a arte-educação das crianças deve ocorrer no sentido de desvelar e reafirmar nas representações artísticas e culturais os objetos e realidades significativos para a vida dessas crianças, que nelas se reconhecerão e as recriarão através do lúdico. Lembrando o que nos diz OSTROWER (1987) sobre pinturas feitas por crianças das mais diversas culturas:

São bastante uniformes as pinturas de uma mesma faixa etária, embora procedentes de países diversos e de diversa estrutura social (...). O que muda, naturalmente, são os objetos significativos que compõem o ambiente vivencial da criança, e a caracterização, ou seja, a função e a importância cultural em que a criança vem a conhecer esses objetos.

E ainda, sobre o sentido do “criar” e o desenvolvimento da criança:

A criatividade infantil é uma semente que contém em si tudo o que o adulto vai realizar. (...) Nas crianças, o criar – que está em todo seu viver e agir – é uma tomada de contato com o mundo, em que a criança muda principalmente a si mesma. (OSTROWER, 1987)

O sentido comunitário e de pertencimento deve permear dessa maneira todo o processo formativo e as práticas que dele quiçá venham a nascer e/ou serem intensificadas. Espera-se dessa forma contribuir, ainda que de forma modesta, para a transformação e, quem sabe, multiplicação dessas práticas educadoras humanizantes em qualquer lugar onde os educadores envolvidos no processo venham a atuar em educação junto às crianças ligadas ao MST ou a qualquer outra realidade do campo, e também, que as crianças envolvidas possam desenvolver melhor suas potencialidades humanas, de liberdade e criatividade, através das atividades diárias e educativas em sua comunidade, de forma afetiva, comunitária e lúdica.

¹⁷ Texto de Miguel Arroyo escrito para o *Caderno Paulo Freire: Um Educador do Povo*, editado pelo ITERRA para subsidiar a “Semana Paulo Freire”, realizada pelo MST em maio de 2001.

REFERÊNCIAS:

ARROYO, Miguel G. **Os desafios da construção de políticas públicas para a educação no campo.** In: Cadernos Temáticos da Educação do Campo. PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. Curitiba: SEED-PR, 2005.

BARROSO, Oswald. **A arte e a cultura na construção da Reforma Agrária.** Fortaleza: Incra CE, 2005.

CALDART, Roseli S. **A escola do campo em movimento.** In: Caderno n. 3. Projeto popular e escolas do campo. Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo. Brasília-DF, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ITERRA - Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária. **Paulo Freire: um educador do povo.** Org.: CALDART, Roseli S.; KOLLING, Edgar J. Veranópolis: Iterra, 2001.

MST, Brasil. **Escola Latino-Americana de Agroecologia completa dois anos.** Notícia publicada em 03 de setembro de 2007, disponível em <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=29333>

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 1987.

PIRES, Lana Magaly. **O fruto proibido e o pão: um estudo etnográfico no Assentamento do Contestado no Paraná.** São Paulo: PUC, 2003.

SALGADO, Sebastião. **Terra.** Prefácio de José Saramago. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SILVA, Cristiane R., HOELLER, Silvana C. **Concepções de aprendizagem e desenvolvimento da educação do campo.** In: Especialização em Educação do Campo - Caderno Didático Módulo III. UFPR–Setor Litoral, 2010.

SILVA, Maria S. **Educação do campo e desenvolvimento: uma relação construída ao longo da história.** 2009. Disponível em:
<[http://www.contag.org.br/imagens/f299Educacao do Campo e Desenvolvimento Sustentavel.pdf](http://www.contag.org.br/imagens/f299Educacao%20do%20Campo%20e%20Desenvolvimento%20Sustentavel.pdf)

TERRA DE DIREITOS, Brasil. **Assentados comemoram 12 anos de assentamento do MST na Lapa – PR.** Notícia publicada em 08 de março de 2011, disponível em <http://terradedireitos.org.br/biblioteca/assentados-comemoram-12-anos-de-assentamento-do-mst-na-lapa-pr/>

WALLON, Henry. **As origens do caráter na criança: os prelúdios do sentimento de personalidade.** Trad.: Pedro da Silva Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

Anexo 2:

ESBOÇO DE UMA OFICINA INICIAL, PARTE DAS “OFICINAS ARTE EM MOVIMENTO”, COM OS EDUCADORES DA CIRANDA INFANTIL CURUPIRA – ASSENTAMENTO CONTESTADO

A presente oficina foi elaborada sobre um dos aspectos do “Desenvolvimento no e do campo”, que é a utilização da Arte como instrumento de desenvolvimento humano, enquanto expressão cultural e única de cada pessoa, socializando a sua visão de mundo e, mais do que isso, o seu sentimento em relação à vida e ao seu contexto. O objetivo das atividades propostas foi levar os educadores da Ciranda Infantil Curupira a refletir sobre a questão da Arte no desenvolvimento das crianças integrantes do grupo.

1ª Oficina: ARTE EM MOVIMENTO – CIRANDA CURUPIRA - janeiro 2010¹

1. Atividade proposta:

Eu artista: vou pensar a minha obra de arte, a obra da minha vida aqui e agora, o que eu vou realizar (não pensar em recursos, apenas na sua arte, como seria).

- Colocar no papel qual vai ser a sua obra de arte... planejar, descrever com palavras ou esquema, imaginando e criando na mente o que seria a sua obra de arte. (15 min)

- Agora cada um pode contar ao grupo, bem detalhadamente, qual seria essa obra tão querida, tão acalentada e que seria feita com tanto cuidado! (descrever, recriando no imaginário de cada um a obra de arte elaborada/imaginada) (15 a 20 min)

2. Questões para refletir (reflexão dialogada)

a) O que nós (cada um do grupo), observadores, público, sentimos nessa obra de arte? (quem observa “recria” a obra segundo os seus sentidos, a sua visão de mundo, o seu universo interior, os seus referenciais, faz a sua leitura, é “co-autor”) O que ela nos expressa, quais sentimentos evoca, para qual realidade ela chama a atenção? Qual o contexto em que ela está inserida? (15 a 20 min)

b) Exposição dialogada acerca das intencionalidades (intenção, propósito, ainda que não totalmente consciente) da expressão artística / significados: (aprox. 30 min.)

- Arte como EXPRESSÃO ESTÉTICA - Questão da “função da arte”:

- discussão filosófica, ARTE PURA;
- beleza (diferença da idéia de beleza de cada um);
- expressão profunda do ser interior, do indivíduo;
- sofisticação, técnica apurada, “famigerados” críticos;

¹ Oficina com duração prevista de aproximadamente 3 horas de trabalho, incluindo intervalo de 20 minutos.

- Arte como cultura:
 - tempo e lugar;
 - tradições, identidade de uma coletividade expressa na arte.
- Arte como meio de TRANSFORMAÇÃO SOCIAL:
 - intenção transformadora, para objetivos sociais alinhados com alguma ideologia.
- Arte como instrumento de EDUCAÇÃO:
 - desenvolvimento de outras competências/habilidades;
 - desenvolvimento da sensibilidade, afetivo
- Arte como atividade lúdica, jogo, brincadeira, lazer:
 - prazer, alegria;
 - socialização, convívio, expressão, sair de si.
- “Arte” como objeto de CONSUMO:
 - objetivo de agradar a grande massa e lucrar com isso, ganhar o mercado (direcionado para públicos definidos), vender
exs.:

3. Audição de canção: “Bienal” de Zeca Baleiro e Zé Ramalho
(Canção irreverente, cujo texto ilustra de forma muito bem-humorada a chamada “arte pós-moderna” e sua leitura e significados - ou ausência de significados - para a realidade concreta das pessoas do povo). (5 min)

(INTERVALO: 20min)

4. Troca de idéias em pequenos grupos (2 ou 3 pessoas, por faixa etária das crianças da Ciranda): (30 min)

1ª questão:

Contexto das crianças: o que É MAIS SIGNIFICATIVO PARA ELAS, ou quais as ATIVIDADES MAIS NATURAIS NELAS: o que se observa no dia a dia?

2ª questão:

QUAL ou QUAIS ARTES queremos trabalhar com as crianças?
Qual “efeito” queremos nelas, quais valores, o que queremos despertar, desenvolver nelas?

5. Socialização e sistematização das idéias. (20 min)

6. Assistir o vídeo “O menino pequeno”.

PARA O PRÓXIMO ENCONTRO:

Pensar e anotar idéias para o próximo encontro:

- O que significa ARTE para as nossas crianças, no seu “fazer” expressivo?

(dentro do contexto do “universo” de coisas significativas para as crianças, que refletimos antes) considerando os seguintes aspectos:

A ARTE é algo privilegiado e delicado, onde a pessoa/CRIANÇA expõe SUA ALMA, parte preciosa do seu ser, do modo como sente a sua vida e o mundo que a cerca, expressando seus desejos e também os seus medos.

Nós vamos fazer a “leitura” dessa Arte, dessa manifestação do “eu” pessoal, afetivo e social de cada criança, interagir com ela, assim, entramos no seu mundo... essa entrada tem que ser com “pés descalços sem pele” (pois esse universo é um “templo”, parafraseando o poeta e músico Chico César, embora noutro contexto)

Assim, vamos pensar, ao trabalhar atividades de expressão artística com as crianças:

O que QUEREMOS	O que NÃO queremos

Observações:

1. A discussão acerca das questões que ficaram para reflexão seria numa próxima oficina, em que seriam abordados (construídos de maneira participativa e também utilizando atividades lúdicas) os aspectos do desenvolvimento da criança em seu contexto próprio de ludicidade.
2. Após essa abordagem, seria construído um apanhado de atividades para crianças de faixa etária variada, a partir das idéias dos educadores e de sugestões de atividades buscadas em vários meios (livros, revistas, sites educativos) para análise e construção de uma metodologia própria de trabalho com arte, e recriação dessas atividades atendendo às características e à realidade local das crianças e, ainda, pelas especificidades de cada faixa etária. Essa parte da oficina envolveria o brincar e realizar (entre os educadores) algumas das atividades para as crianças.
3. Na sequência (num próximo encontro) poderia ser feito um levantamento de recursos – por meio de atividades participativas, buscando como resultado um planejamento de atividades viáveis e criação de condições para a sua realização.

REFERÊNCIAS UTILIZADAS PARA ELABORAÇÃO DA OFICINA:

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.

GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Vozes, 1995.

HONSBERGER, Janet, GEORGE, Linda. *Facilitando oficinas: da teoria à prática*. In: Capacitação no Setor Voluntário: aprendizado colaborativo em organizações brasileiras e canadenses. São Paulo: Projeto Gets, 2002.

MST, *Carta dos Sem Terrinha ao MST*, in CALDART, R. A Escola do Campo em Movimento. Disponível em:
<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/roseli2.pdf>

MST, *Revista das Crianças Sem Terrinha*, N. 2, Ed. Especial 18 anos do ECA, São Paulo: MST, 2009.

SEM - *Seminário Desenvolver-se com arte*. Anais. Publicações Pólis N. 33. Org. Hamilton Faria, Valmir de Souza. São Paulo: Pólis, 1999.